

POETAS ESQUECIDOS

A N T Ô N I O D E C A S T R O

Em 30 de maio de 1892, aventureiro grupo de idealistas organizou, em Fortaleza, uma sociedade literária original, que despertou curiosidade e aplausos, não somente em nossa terra, mas em todo o País: — a Padaria Espiritual. Mesmo no estrangeiro, repercutiu o ousado gesto dos jovens cearenses, que tentaram estabelecer intercâmbio intelectual com escritores de renome, noutros recantos do mundo.

Tomou parte do movimento, em 28 de setembro de 1894, o mômço aracatiense Antônio de Castro, que logo conquistou admiração e louvores ao publicar o seu livro *Versos*, prefaciado por Antônio Sales, um dos membros mais destacados da nova instituição.

O poeta Raimundo Correia, em elogiosa crítica, considerou êsse leve volume de poesias como indício de uma vocação original. . . Mas esclareceu, em seguida, dessa “originalidade bem entendida, que consiste em dizer velhas as coisas de uma maneira, relativamente nova, sem deslumbramento de imagens, nem audácias de frases”. Acentuou, ainda, que o parnasianista estreante distinguia-se pelo amor à forma e a paixão pela estética da linguagem.

Referindo-se, então, ao sonêto intitulado “A Jangada”, conforme lembra Dolor Barreira, na sua excelente *História*

da *Literatura Cearense*, qualificou de lindo. E documentou a afirmação, citando o primeiro quarteto:

*Semelhante a uma garça, alva e singela,
Desliza, além, impávida, a jangada,
Pela espuma das águas salpicada,
As mansas brisas desprendida a vela.*

O seu segundo livro — *Marinhas* — deu-lhe a fama bem merecida de que seus poemas conseguiram destaque, entre as produções da época. Não se pode, sem injustiça, na verdade, deixar de reconhecer a inspiração e a elegância dos seus trabalhos no campo do pensamento.

Salientamos, para a comprovação desta afirmativa, o primoroso soneto “Salve, Rainha”, tocado de tão terno e sincero misticismo:

*Salve, Rainha! Salve, ó Mãe piedosa e pura,
Doce estrêla, a luzir, cintilante e querida,
Consôlo do infeliz a quem fuge a ventura,
Esperança a surgir entre as sombras da vida!*

*Degredados, aqui, num vale de amargura,
Invocamos teu nome e auxílio. Enternecida,
Para nós volta o olhar, onde brilha e fulgura
Viva luz, de piedade e doçuras unvida.*

*Da Verdade e do Bem ao caminho nos leva,
Enganos desfazendo e pérfidas imagens,
Com que o mal nos atrai os desejos e os ceva.*

*E depois dêste atroz destêrro, as nossas almas,
Guia, Virgem Maria, às benditas paragens,
As paragens do céu, luminosas e calmas.*

São estrofes exalçadas pela interpretação de autêntico investigador dos sentimentos humanos.

Vejamos por último, “A Carnaubeira”, tema particularmente nosso, tema regional, que dignifica e colora de vivo brilho o seu estro admirável, a serviço da paisagem brasileira:

*Só! Em meio da várzea, há quantos anos, ela
Está postada, assim, isolada e tristonha.
Sempre que passo perto, instantes fico a vê-la,
Do descampado em frente à tristeza medonha.*

*Sôbre a fronde virente, a voz argêntea e bela,
Saltam sabiás, à tarde, até que o sol se ponha.
E à noite, quando o céu todo de luz se estrela.
Toma a atitude grave e quieta de quem sonha.*

*Hoje, tudo está sêco — as lagoas e os rios . . .
As árvores, sem flor, os galhos bracejando
Erguem, desnudos, no ar, retorcidos e esguios.*

*Apenas, pela mata, o juazeiro verdeja,
E na várzea, ela só, docemente mostrando
Palmas verdes que o vento acaricia e beija.*

Este aedo harmonioso, de fina e forte têmpera simbolista, não pode ser lançado ao esquecimento, quando, com o seu talento e o seu bom gôsto, tanto exaltou o renome e a glória das letras cearenses.

Antônio de Castro foi chamado o Cantor do Mar. O seu livro *Marinhas* justifica o título . . .

Numa temporada, na praia da Volta da Jurema, fiquei vizinho seu, diante do oceano. Foi, então, que o conheci, idoso e coberto de cãs. Do terraço da casa, via-o, tôdas as tardes, a tomar demorados banhos.

Uma crise cardíaca, talvez provocada pelo tumulto das ondas, pôs têrmo à sua já longa vida . . . O poeta das *Marinhas* morreu à beira-mar, diante da fonte da sua inspiração.

ANDRADE FURTADO